

O PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO COMO REAFIRMAÇÃO DO CONSERVADORISMO

Jair Miranda de Paiva¹

Resumo: O artigo discute o movimento Escola sem Partido como reafirmação do conservadorismo em educação. Retoma discussão em escrito anterior no qual se tentou, numa análise imanente, se aproximar de suas teses expostas no site e outros meios de divulgação da chamada iniciativa, numa breve referência jurídica e numa leitura filosófica. Abordamos o referido movimento como uma nova roupagem da reação às lutas progressistas e conquistas políticas, por meio de pesquisa bibliográfica, concluindo pela crítica necessária a suas teses, bem como suas articulações a outros âmbitos do conservadorismo.

Palavras-chave: Escola sem partido; Conservadorismo; *Skholé*, Tempo livre.

Abstract: The article discusses the School Without Party movement as a reaffirmation of conservatism in education. It takes up an earlier written discussion in which an immanent analysis attempted to approach their theses exposed on the site and other means of publicizing the so-called initiative, in a brief legal reference and a philosophical reading. We approach this movement as a new guise of the reaction to the progressive struggles and political conquests, through bibliographical research, concluding by the necessary criticism to its theses, as well as its articulations to other areas of conservatism.

Keywords: School without party; conservatism; *Skholé*, free time

1. Doutor em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação (PPGE/Ufes): Professor do Departamento de Educação e Ciências Humanas (Ceuness/Ufes) e do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica (Ceunes/Ufes). Contato email: jmipaiva@gmail.com

Introdução

“A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘Estado de Exceção’, no qual nós vivemos, é a regra. Precisamos atingir um conceito de história que corresponda a isto. Então teremos diante de nós como nossa tarefa provocar o efetivo Estado de Exceção; e deste modo melhorará a nossa posição na luta contra o fascismo” (W. Benjamin).

Se, como disse Marx (1997), na modernidade tudo que é sólido desmancha no ar, tal processo disruptivo do capitalismo provoca reações mesmo entre os defensores da nova ordem que, como veremos, ainda que sujeitos do processo de transformação radical trazido pelo novo modo de produção, buscam um mundo estável, em que não haja imprevisibilidade ou riscos a seu lugar social e econômico.

Nesse sentido, o objetivo deste escrito é pensar o chamado movimento Escola sem Partido (doravante EsP) como uma faceta contemporânea de um amplo espectro que se situa no lugar que chamamos de conservador em relação ao mundo gestado pelas revoluções modernas, que substituiu o mundo do Antigo Regime pelo regime de mercado livre, dos direitos humanos, da democracia representativa.

Ao dar um passo em relação ao texto anterior (PAIVA, 2017, 2018), situamos o EsP num movimento mais amplo que o remonta ao conservadorismo moderno, ainda que de forma esquemática, demandando ulteriores aprofundamentos. Com isso queremos dizer que o conservadorismo sempre esteve presente na formação brasileira, como uma estrutura firme que mantém a desigualdade em sentido amplo (econômico, cultural, social, educacional), como mostram os estudos recentes de Jessé Sousa (2017, 2018) sobre a sociedade brasileira, no âmbito da sociologia. Assim, buscaremos referências históricas que definiram os sistemas econômicos e políticos e suas ideologias políticas modernas no ocidente. Conjuntamente a essa abordagem, sustentaremos, contra o EsP, a escola como bem público, lugar essencial da democracia e do cuidado com as gerações mais novas, na perspectiva de Arend (1979) e Masschelein-Simons (2014).

Num primeiro momento, faremos uma retomada de nosso texto citado, no qual buscamos caracterizar o EsP a partir de seu próprio discurso, expresso em sua página da internet, bem como entrevistas e iniciativas, tais como o projeto de lei que propunha (e ainda propõe) em várias casas legislativas pelo país. A seguir, situaremos a especificidade de nosso objetivo, qual seja, abordar o EsP como uma expressão do conservadorismo que se impôs no cenário político desde a Revolução Francesa, cujo expoente maior é Edmundo Burke (2014). Concluiremos, ainda que de modo embrionário, que se faz necessário que forças democráticas, e não apenas de esquerda,

se unam para que ainda seja possível pensar, educar, criticar, pesquisar, ensinar, numa perspectiva aberta, plural, que conviva com espectros diversos sobre o mundo social, político e moral (inclusive, evidentemente, o conservador).

Escola sem partido: dogmatismo e controle em nome da liberdade

Em anterior incursão (PAIVA, 2017, 2018), demonstramos o aspecto dogmático do movimento intitulado EsP e o quanto sua difusão era nociva ao ambiente escolar, cujo interior é marcado por relações humanas sadias, em que pese as críticas, sobretudo vindas do próprio campo da educação, a aspectos de sua organização, no tocante ao ensino, práticas, métodos etc. Críticas que, frisemos, visam o aperfeiçoamento da escola como instituição, que deve ser reinventada, não a sua destruição e envenenamento, como querem os signatários do projeto EsP, considerando que um dos eixos de sua ação é o incentivo a que alunos delatem seus professores, mediante judicialização da relação professor – aluno – família.

106 Naquela ocasião, optamos por ‘ouvir’, numa análise imanente, o dito movimento a partir de documentos públicos em sua página na internet, entrevistas e, sobretudo, nos dois projetos de lei apresentados no Congresso, permitindo-nos nomear suas proposições como práticas conservadoras. Num segundo momento, propusemos uma modesta análise filosófica da tese desse movimento, fazendo breve referência a uma análise jurídica. Na terceira parte daquele artigo, fizemos breves referências à obra de dois pensadores belgas, Masschelein e Simons que, em contraponto à iniciativa regressiva do EsP, nos possibilita buscar razões para sair “em defesa da escola”, no contexto atual de recrudescimento de ataques ao que lhe é mais característico, que é ser tempo livre e de produção de vida, alegria, afetos. Tais razões ainda devem ser afirmadas, revisitadas, ampliadas com as histórias de alunos (as) e professores (as).

Sustentávamos, então, que o movimento se encontrava, para dizer o mínimo, em posição delicada, posto que seu propositor principal, advogado de formação, não tinha nenhuma experiência ou conhecimento na área educacional, o que, por si só, não invalidava sua propositura, visto que a educação, como bem público, pode e deve estar sob o escrutínio dos cidadãos. Todavia, mostramos que suas asserções carecem de conhecimento da vida escolar, dos desafios da educação, de seus campos teóricos e conceituais, bem como da produção acadêmica recente sobre as práticas de ensino, didática etc. Trata-se, acrescentamos, de grave lesão ao que está consubstanciada no

Art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, ANO), ao garantir que “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: [...] II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas [...]”. Ora, a proposta do EsP, em que pese usar em sua justificativa a pluralidade, acaba por cercear a liberdade de ensinar, causando grave prejuízo ao exercício docente².

Apontamos, ainda, que o núcleo da proposta de seu idealizador se consubstancia na ideia de que existe uma “doutrinação” feita por professores em suas aulas, da educação básica ao ensino superior, majoritariamente adeptos de visões “críticas” ou “de esquerda”. Lembramos que ‘doutrinar’, para os proponentes dessa cruzada pela não ‘contaminação ideológica’, refere-se à abordagem no âmbito didático, bem como aos imputados aliciamento e proselitismo realizados por professores imbuídos de ideias genericamente tidas como de esquerda, mas nunca de ideias liberais, tais como, da livre iniciativa, do empreendedorismo (do qual existem diversos programas aplicados em escolas pelo país), de defesa das ideias liberais em sua articulação com a sociedade capitalista, com seus níveis escandalosos de desigualdade, violência, preconceitos etc. Em outras palavras, as ideias liberais são tidas como ‘valores’ eternos sobre os quais não se pode questionar, e não, como sobejamente aceito pelas áreas de ciências humanas e sociais, constructos históricos, políticos, culturais, eivado de ideologias e valores, como, aliás, todos os elementos da cultura, simbólicos por excelência (BERGER & LUCKMANN, 2004; LAPLANTINE, 2000; RABUSKE, 2001).

107

Reconhecíamos naquela ocasião que pode haver casos de docentes da educação básica que extrapolam seu múnus profissional, seja à direita ou à esquerda – frise-se que não há referência a ‘desvios’ de professores ‘doutrinando’ crianças e jovens segundo ideologias hegemônicas – mas são poucos e não representativos, inclusive sem aparecer no sítio eletrônico do citado Programa. Outros casos, como assédio, pertencem mais ao âmbito jurídico e policial do que propriamente pedagógico, não sendo alvo do movimento EsP, inclusive.

Descrevemos, então, o EsP como movimento dogmático, fomentador de ódio

2. Não encontramos pesquisa acerca dos efeitos do EsP sobre as práticas profissionais de professores, mas podemos afirmar que já se instalou um elemento de auto-censura pelo (a) próprio (a) docente, confirmado em nossas pesquisas e encontros com professores da educação básica: segundo eles, colegas de profissão, se precavendo, já alteraram conteúdos, linguagem, materiais didáticos e sua performance em sala para evitar represálias de alunos, famílias ou da escola. Represálias que, diga-se de passagem, são reais, pois, advogado de formação, seu idealizador disponibiliza modelos de notificação extrajudicial, incentiva filmagens, delações e abertura, pelos pais, de várias ações judiciais contra professores (as), visando fomentar o medo (numa publicação, em seu site, ele afirma: se uma ação judicial contra um professor já causa dissabores, imaginemos várias ao mesmo tempo... Indescritível nosso horror diante da insana dessa proposta...).

no âmbito escolar, ao incitar filmagens de aulas e atividades, instalando um clima inquisitorial na escola, um dos poucos espaços públicos, conforme pesquisa citada em Paiva (2017, 2018), considerados como relevante para crianças e adolescentes, mormente para os da classe popular, carentes de espaços públicos de lazer, cultura, esportes. Enfim, não é possível negar que exala desse auto-intitulado defensor da geração mais nova um odor medieval de reacionarismo.

Vejamos, a seguir, ainda que em breves pinceladas, como surge o espectro do conservadorismo moderno para, a seguir, aí situarmos o EsP, referenciando, ainda, a nova onda conservadora em voga no mundo e no Brasil.

A crise da tradição e o conservadorismo

Consideramos com Hanna Arendt (1979) que nossa modernidade pode ser caracterizada pelo que denomina quebra da continuidade da História ocidental. Ao acompanhar, no prefácio da obra *Entre o passado e o futuro* ("A quebra entre no passado e o futuro") e no primeiro ensaio ("a tradição e a época moderna"), as vicissitudes do pensamento político que se inicia com Platão e Aristóteles e culmina em Marx, Arendt (1979, p. 40) observa que "[...] rompeu-se o fio da tradição [...]", notando, por fim, que três pensadores consumam tal fato: Kierkegaard, Marx, Nietzsche, que "desafiaram os pressupostos básicos da religião tradicional, do pensamento político tradicional e da Metafísica tradicional invertendo conscientemente a hierarquia tradicional dos conceitos" (ARENDR, 1979, p. 53).

A quebra, segundo ela, no entanto, não ocorre pela rebelião filosófica do séc. XIX ou de suas consequências no séc. XX, mas pela emergência dos sistemas totalitários que a época viu florescer, em que se imiscuiriam terror e ideologia, governo e dominação, levando a filósofa a afirmar que:

A dominação totalitária como um fato estabelecido, que, em seu ineditismo, não pode ser compreendido mediante as categorias usuais do pensamento político, e cujos 'crimes' não podem ser julgados por padrões morais tradicionais ou punidos dentro do quadro de referências legal de nossa civilização, quebrou a continuidade da história ocidental. A ruptura em nossa tradição é agora um fato acabado. Não é o resultado da escolha deliberada de ninguém, nem sujeita a decisão ulterior (ARENDR, 1979, p. 54).

Trazemos essa análise da pensadora alemã como forma de introduzir uma

problematização sobre um tema caro ao momento político que vivemos, qual seja, a ascensão de um conservadorismo nos âmbitos político, moral, pedagógico, entre outros (CLASEN, 2019; ALMEIDA, 2017; SEPÚLVEDA, SEPÚLVEDA, 2016; SOUZA, 2016a; SOUZA, 2016b).

Tomamos como hipótese inicial que o Esp se insere no bojo, nada homogêneo, do que se convencionou chamar a nova direita brasileira³. Aceitamos o fato de que há um movimento transnacional, sobre o qual ainda muito se escreve e se debate, de ideias conservadoras ou de direita, ligado ou não a fundações pró mercado, sobretudo, de origem estadunidense. No caso brasileiro recente, há vozes abalizadas que defendem que o impeachment, a operação lava-jato, conjunto que sintetiza a emergência da direita, foram tramados pelas agências de espionagem norte-americanas (BANDEIRA, 2017).

Assim, em nosso primeiro tópico, buscaremos algumas definições para esses termos. Como se caracteriza conservadorismo? Trata-se de um grupo coeso ou diverso? É possível circunscrevê-lo histórica e conceitualmente? Por restrição de espaço, buscaremos definir os termos em sua origem política, segundo recortes na evolução histórica e social, seja do ponto de vista específico entre a ciência e a filosofia política (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1986), na formulação de Bonazzi (1986), bem como o de Ciências Sociais (SILVA, 1987), nas explicitações de Casado (1987).

Para Bonazzi (1986, p. 242-246), é difícil caracterizar conservador e conservadorismo: enquanto o último implica um conceito difícil de precisar, o adjetivo aplica-se a ideias ou práticas, também objeto de uma variedade de significados. Para a ciência política, "o termo Conservadorismo designa ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras" (BONAZZI, 1986, p. 242). Nesse sentido, para o pensador italiano, conservadorismo se contrapõe a progressismo, marcado por uma atitude otimista diante das possibilidades de aperfeiçoamento e desenvolvimento da civilização humana e do indivíduo, representando sua negação.

Assim, conforme o autor supracitado, os dois conceitos não são de natureza especulativa, representando "símbolos de complexas tendências da história ocidental" (BONAZZI, 1986, p. 243), que surgem com a consolidação da sociedade de classes

3. Prescindimos aqui de recensear aspectos toscos de grupos brasileiros que se abrigam nessa denominação, sobretudo mediante e nas redes sociais, fazendo uso de notícias falsas, apologia à tortura e intervenção militar, entre outros absurdos. Temos clareza de que há um subterrâneo que aflora nas redes sociais (e antissociais) atualmente e que seus efeitos estão presentes, inclusive, no resultado da última eleição presidencial brasileira, mas tal foco não nos interessa neste trabalho, ainda que se possa pensar que tal fenômeno possa ser o mais relevante nessa quadra histórica, tal a importância das redes sociais na contemporaneidade (CASTELLS, 2017).

(CASADO, 1987, p.248), na qual uma classe, os liberais ou a burguesia industrial, comercial e intelectual, busca impulsionar para a frente a história, enquanto outra intenta frear esse processo, representada pela aristocracia. Não por acaso o fundamento dessa classe se encontra na propriedade da terra e nos títulos de nobreza e nascimento, coincidindo a ascensão do conservadorismo com o declínio das monarquias tradicionais e com a ascensão da sociedade industrial na qual, disse Marx, 'tudo que é sólido desmancha no ar'.

Apelando à tradição contra as transformações, como uma matriz de onde deriva sua legitimação, "o pensamento conservador não aceita a tese do estado de natureza, do contrato social e da soberania popular, nem em geral das idéias liberais" (CASADO, 1987, p. 249), atendo-se ao antigo, num senso pragmático de adaptação a situações que mantenham seus interesses.

Conseqüentemente, pode-se situar o conservadorismo nas transformações que se dão a partir do séc. XVIII, a partir da qual se coloca ao homem o futuro como perfectibilidade em todos os âmbitos: domínio técnico sobre a natureza, autoconhecimento e busca de realização na terra pelo indivíduo, num processo aberto, revolucionário: "isso implicava o rompimento com a tradição, o que provocou fendas na consciência européia, quer a nível cultural, quer a nível político" (BONAZZI, 1986, p. 243).

110

Pode-se entender, assim, que a temática conservadora surja apenas na época moderna, pois no pensamento cristão de perspectiva estática jamais tinha proposto tal alternativa, visto que o fim último do homem se situa no Reino de Deus ultraterreno.

Digno de nota, porém, é o fato de que não há uma simples disjunção entre duas partes: "pensamento tradicional de um lado, ligado a modelos em que o poder político tinha raízes transcendentais e se inseria em uma visão da vida tendente a depreciar o mundo, e pensamento progressista de outra (BONAZZI, 1986, p. 243). Nas palavras de Casado (1987, p. 249), podemos distinguir progressismo, tradicionalismo e conservadorismo:

Ao contrário do tradicionalismo, o conservadorismo não implica uma conduta instintiva e reativa, e sim reflexiva e consciente, atenta às circunstâncias históricas. Diante de uma crise revolucionária, o tradicionalista se apresenta como um contra-revolucionário e nem mesmo aceita a revolução. O conservador, ao contrário, aceita e admite a revolução, mas trata de frear seus efeitos. Não é um contra-revolucionário, mas um não-revolucionário.

Pode-se dizer que o fundador do conservadorismo político, E. Burke (2014),

principal referência do conservadorismo moderno, representa a tendência contrária às ideias iluministas de uma razão individual como medida do real. Conforme Souza (2016, p. 362), é do autor inglês que provém “boa parte das ideias que conferem conteúdo às várias expressões do conservadorismo no cotidiano”. Inclusive no caso brasileiro contemporâneo, pois ele é inspirador para as diversas *think tanks* aqui instaladas, ativamente atuantes em prol do liberalismo, neoliberalismo e concepções pró-mercado (ROCHA, 2015). Além disso, é de se notar o tom condenatório do filósofo às revoluções modernas, vistas como degradação da tradição e valores estabelecidos e não como processo transformador, ainda que eivado de contradições (SOUZA, 2016b).

Segundo Bonazzi (1986), Burke é o porta voz daqueles que, protagonistas das mudanças sociais, políticas e econômicas a partir do séc. XVI, do controle da natureza, secularização da vida, não pretendem, porém, “se afastar do ideal de um universo moral estável e ligado a um sistema de valores transcendententes.” Contrariamente à crença perfectível da natureza social e humana, “a tese conservadora considerava a natureza humana não modificável pela ação prática, porquanto mergulhava suas raízes em uma realidade sobre-humana, a vontade divina [...]” (BONAZZI, 1986, p. 244).

No entanto, não se perde de vista que o liberalismo triunfa, não sem resistências (o que se verifica até hoje), havendo uma fusão entre liberais e conservadores por dois motivos: a universalização da ideologia liberal e o conseqüente estabelecimento de instituições liberais, de um lado, a ascensão dos movimentos socialistas, de outro:

Quando a ordem conservadora dominava e o socialismo não era ainda perigoso, os liberais aliteram a eles [os conservadores] contra as monarquias e aristocracias estabelecidas. Quando a ordem liberal se estabeleceu e o socialismo pareceu ameaçá-lo seriamente, os liberais se aproximaram naturalmente dos conservadores, para lutar contra os socialistas (DUVERGER apud CASADO, 1987, p. 249).

Num salto para o séc. XX e XXI, consideramos, ainda, com Casado (1987, p. 249) – e esse tópico nos interessa, pois serve de fundamento a manifestações atuais – que, com a crise da ideologia das monarquias, ocorre uma renovação das “velhas ideologias conservadoras” pelos “fascismos contemporâneos [em que] o ditador providencial substitui o rei hereditário, e o governo das elites substitui o domínio dos aristocratas tradicionais”.

Em que pese a polêmica acerca de características fascistas nos movimentos de direita atuais, não se podendo identificá-los sem mais (LÖWY, 2015), pois para esse filósofo, não há linha de continuidade entre o fascismo europeu e a extrema-direita brasileira, nem existe aqui o tema racial como bandeira político de um partido.

No entanto, para o filósofo brasileiro radicado na França, podemos perceber pontos comuns e comparáveis num caso e noutro, que são: de um lado, a manipulação para fins golpistas do tema da corrupção e, por outro:

I. A ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a restabelecer a pena de morte [...] II. A intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais. É um tema agitado, com certo sucesso, por setores religiosos, com referência católica (Opus Dei, Civitas etc.) na França e evangélica neopentecostal no Brasil (LÖWY, 2015, p. 662-663).

No caso em questão, veremos que o EsP em suas manifestações nas redes sociais alimenta e incita ações de destruição de pessoas, permitindo-nos perceber traços de ações fascistas em suas práticas. Na seção que segue, procuraremos sustentar a dimensão conservadora *tout court* desse movimento, seja remetendo-o a iniciativas que foram evidenciadas na década de 1990 do séc. XX, bem como elencando práticas que são uma afronta ao mundo escolar constituído por relações pedagógicas que, mesmo considerando contextos adversos advindos das situações de miséria social, desamparo, falta de perspectivas, desamparo, são marcadas pela confiança nos profissionais da educação.

112

Escola sem partido: reafirmação do conservadorismo

Tal fato nos permite compreender as ofensivas conservadoras recentes sobre a escola, no caso do Brasil, mas que repercutem iniciativas que, há pelos três décadas, no bojo do neoliberalismo (MALAGUTI, CARCANHOLO, 1998), então já investiam contra o espaço público escolar, conforme já mostravam, entre outros, Apple e Oliver (1995) e Sacristán (1999). O movimento EsP retoma e relança os movimentos conservadores sobretudo estadunidenses que, oriundos de fundamentalismos religiosos e do credo individualista do país, se alia à visão mercantilista da educação, enfraquecendo o caráter estatal e sobretudo público da educação, transformando-a num bem a ser oferecido no mercado.

Outro aspecto do ataque ao caráter público da educação e sua submissão à lógica do mercado e à escolha individual de educar conforme seus valores e crenças (um outro pilar do EsP) e, quase sempre, num viés conservador e religiosamente fundamentalista, pode ser encontrado no Ensino Domiciliar, tradução do inglês

homeschooling^{4,5}, que conta com o apoio do atual governo federal do Brasil, mas que ainda encontrou resistência jurídica e legal⁶.

Deve-se salientar, ainda, no que se refere à luta contra a educação escolar pública, que, mais do que interessados nas liberdades em geral, seus militantes propugnam por liberdade na economia, mas mais autoridade e controle da sociedade no campo político, na síntese de Sacristán (1999, p. 238).

O momento atual, em especial, nos permite afirmar que há, de novo, uma pressão conservadora sobre a escola e a educação (não apenas pública, frise-se, no caso recente do Brasil), conforme explicava Sacristán (1999, p. 238) e Apple e Oliver (1995), no fim da década de 1990 do séc. XX.

Conforme Sacristán, citando Giddens, o pensamento neoliberal está eivado de contradições: se, por um lado, estimula a liberdade de mercado, o que dissolve símbolos da tradição, por outro, advoga que tais símbolos são essenciais para a coesão social, misturando, assim, “liberdades liberais e o autoritarismo – inclusive o fundamentalismo – de maneira incômoda e instável” (GIDDENS apud SACRISTÁN, 1999, p. 238).

Tais contradições se instalam de modo especial na educação, em que mais exigência de liberdade para educar na escola que aprovou os pais (é o caso das reformas estadunidenses que distribuíram vouchers para as famílias escolherem escolas conforme um ranking divulgado, fechando milhares de escolas públicas e demitindo professores pelo país)⁷ convive com a ideologia conservadora que critica o declínio da educação pública (SACRISTÁN, 1999, p. 238).

O que assistimos, nesse gradiente de iniciativas, é a extrapolação do econômico para a educação, em que a metáfora do mercado engloba a educação como produto e serviço, entendendo o aluno como cliente e os pais como os que decidem onde comprar; nessa relação, os professores são meros dispensadores do serviço para os

4. O movimento que advoga o ensino domiciliar mantém um endereço eletrônico: Disponível em: <<https://homeschoolingbrasil.info/>>. Acesso em 29 jun. 2019.

5. A revista *Proposições*, da faculdade de educação da Unicamp, dedicou ao tema o v. 28, n. 2, de maio-ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000200012&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 13 jun. 2019.

6. Em votação no dia 11 de setembro de 2018, o Supremo Tribunal Federal decidiu que é necessária a frequência da criança à escola e que, para que possa haver educação domiciliar exclusivamente em casa, será preciso lei específica que estabeleça avaliar aprendizagem e socialização da criança educada em casa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/12/stf-decide-que-pais-nao-podem-tirar-filhos-da-escola-para-ensina-los-em-casa.ghtml>>. Acesso em 22 jun. 2019.

7. No blog de Luiz Carlos Freitas, prof. titular aposentado da Unicamp, encontra-se um excelente repositório sobre as escolas charters e vouchers no contexto estadunidense, com avaliações, discussões, indicações de artigos e livros, bem como um acompanhamento de sua discussão e movimentos no Brasil. Disponível em: <<https://avaliacaoeducacional.com/>>. Acesso em 30 jun. 2019.

alunos, os gestores como árbitro do jogo (SACRISTÁN, 1999, p. 240). Fere-se de morte a educação em sua acepção pública e democrática como equalização de oportunidades e como abertura ao mundo, tempo livre, acesso à herança cultural da humanidade, mediante a relação intergeracional (ARENDETT, 1979; SAVIANI, MASSCHELEIN, SIMONS, 2014).

O pensador espanhol mostra, outrossim, objeções à mercadorização da educação, citando razões filosóficas de princípio: a educação não é mercadoria, o educando não é um consumidor. Por outro lado, os dogmas economicistas que estão na base do neoliberalismo se esquecem de que “o mercado educativo, onde cada um tem a possibilidade de escolha, somente teria um bom funcionamento em uma sociedade ideal igualitária, o que não existe” (SACRISTÁN, 1999, p. 243). Além disso, está em discussão a própria noção de educação como mercadoria que alguém vende a um outro, ao passo que na educação pública obrigatória não está em pauta a venda no mercado com o máximo de resultados, mas a ideia de “fazer avançar e disseminar o conhecimento ao maior número de pessoas possível”, implicando não uma venda que satisfaça desejos, mas envolve a compreensão do mundo, da ciência, nas palavras de Sacristán (1999, p. 246). Ou, seja, envolve um encontro intergeracional complexo, que podemos observar nas palavras de H. Arendt (1979, p. 234-235):

114

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos. Esses recém-chegados, além disso, não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser. Assim, a criança, objeto da educação, possui para o educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em processo de formação; é um novo ser humano e é um ser humano em formação.

Percebemos, assim, que tais investidas na educação, em que pese sua alegada defesa dos estudantes, na verdade, visam tão somente controlar o espaço público da escola segundo regras do mercado, tornando a relação formadora professor/a-aluno/a mera venda de conhecimento, desprezando a relação humana, cultural que se estabelece, seja no aspecto das trocas sociais, seja no aspecto de conhecimentos, valores, técnicas.

Quando localizamos o programa EsP no bojo do pensamento conservador de direita, trazemos à pauta uma necessária contextualização de longo alcance para o fenômeno. Há aspectos outros que poderiam ser abordados, visto o fenômeno ser multifacetado, como mostra publicação recente que reuniu diversas contribuições a respeito (FRIGOTTO, 2017).

Sustentamos, ainda, que o EsP, apesar de ter sido criado em 2004⁸, obtendo visibilidade nos últimos anos, tem um lastro no conservadorismo, sobretudo estadunidense, como demonstraremos por uma referência a Apple e Oliver (1995).

Ao considerar que, desde o colapso do socialismo real, o neoliberalismo triunfou como ideologia e como ação de governos, estabelecendo políticas econômicas em diversos países, inclusive definindo reformas educacionais através de órgãos multilaterais como o Banco Mundial, intervindo e subsidiando orçamentos públicos (BOTIGLIERI, BEZERRA NETO, 2014), não podemos deixar de enfatizar, também, que as últimas décadas viram florescer pautas de lutas identitárias ao lado das pautas sociais historicamente ligadas à esquerda, surgindo organizações da sociedade civil, grupos, coletivos, miríade de coordenações destinadas a fiscalizar diversos setores do Estado, visando implementar políticas de equalização e compensatórias (cotas, Bolsa Família, por exemplo). Assim, não se trata de triunfo, ou do que Fukuyama chamou um dia de 'o fim da história', do contrário, não estariam tão atuantes.

Quando focamos a educação no contexto neoliberal recente⁹, percebemos que os movimentos conservadores na educação não são recentes e mapeá-los seria impossível. Tomamos aqui um momento específico, à guisa de estabelecer uma linha de compreensão que possa nos ajudar a compreender o EsP. Com Apple e Oliver (1995), veremos que tal movimento é mais uma estratégia contra o conhecimento oficial das escolas, contra a educação estatal e seu caráter público de, na linguagem de Masschelein-Simons (2014), abrir o mundo e apresentá-lo aos estudantes, sem que se interfira entre eles a utilidade, a necessidade do mercado, ou necessidades individuais de aprendizagem.

Na concepção dos autores citados "a escola (com seu professor, disciplina escolar e arquitetura) infunde na nova geração uma atenção para com o mundo:

8. Quando revisávamos este texto, somos surpreendidos com uma entrevista do fundador do EsP ao jornal O Globo, declarando que estava encerrando o movimento, devido à falta de apoio do presidente da República e de empresários. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escola-sem-partido-anuncia-suspensao-de-atividades-criador-do-movimento-desabafa-esperavamos-apoio-de-bolsonaro-23817368>>. Acesso em 18 jul. 2019. Para alguns, trata-se, na verdade, de uma tentativa de autopromoção e captação de recursos. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/idealizador-do-escola-sem-partido-faz-chantagem-com-bolsonaro-e-empresarios-e-ameaca-abandonar-a-cruzada-moralista/>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

9. Lembremos que, conforme Carcanholo (1998, p. 34), o neoliberalismo tem fôlego após a segunda guerra mundial, tomando como referência a publicação por F. Hayeck de *O caminho da servidão* (1994). Ultrapassam os objetivos deste trabalho uma abordagem mais consistente sobre o neoliberalismo. Foucault, por exemplo, situa o neoliberalismo na arte de governar moderna, derivada da pastoral cristã, chamada por ele de governamentalidade liberal, como um aprofundamento (expressão é nossa) da lógica de mercado à subjetividade. Assim aparece, sinteticamente, em seu curso "O nascimento da biopolítica": "O problema do neoliberalismo é, ao contrário, saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado" (FOUCAULT, 2008, p. 181).

as coisas começam a falar (conosco)” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2014, p. 45). Nesse sentido, o movimento conservador se imiscui na escola como os que os autores belgas denominam de tentativas de domar a escola, isto é, de retirar delas seu caráter revolucionário desde a Grécia, qual seja, de ser *skholé*, tempo livre, tempo de igualdade em que se suspendeu o privilégio cultural da educação atribuído à elite aristocrática. Domar a escola, isto é, neutralizar seu efeito de “tempo livre” (*skholé*) de um lado, tomando-a como extensão da família, de outro, no sentido de que seja funcional à sociedade, ao governo, atendendo ao mercado de trabalho e formando bons cidadãos. Ao contrário do tempo familiar, com sua carga moral, pressão e expectativas dos pais, avós, padrinhos, do tempo social desigual, em que se ocupa um lugar demarcado na ordem econômica, o tempo da escola como *skholé* é o tempo livre e igualitário:

Foi a escola grega que deu forma a esse tipo de tempo. Isto significa que este – e não, por exemplo, a transferência de conhecimento ou o desenvolvimento de talentos – é a forma do tempo livre por meio do qual os alunos poderiam ser retirados de sua posição social (MASSCHELEIN, SIMONS, 2014, p. 29).

116

Nessa visada histórica, M. Apple e A. Oliver (1995), situados na década de 1990 do séc. XX, mostram a formação de movimentos conservadores na educação, que podem nos ajudar a entender o atual EsP e sua ideologia conservadora, divisionista e de tendência fascista¹⁰.

Apple e Oliver (1995, p. 271-272), partindo do referencial teórico neo-gramsciano e pós-estruturalista, ao pesquisar os movimentos conservadores estadunidenses que lutam contra o conhecimento oficial das escolas, influenciando nos currículos, inclusive, se atentam que não se trata de uma conspiração por parte de um bloco unitário, e que não se deve ignorar elementos de possível lucidez que possam conter, ou ainda, como resposta à forma como as instituições estatais estão organizadas.

Ao perguntar “como a direita religiosa cresce?”, Apple e Oliver (1995, p. 272) mostram que “isto só pode ser completamente compreendido quando enfocamos as interações, que muitas vezes ocorrem num nível local, entre instituições do estado e as vidas diárias de pessoas comuns”. Os autores argumentam que, mesmo considerando que haja um esforço de direita política em convencer e conduzir as práticas para uma determinada direção, seus êxitos se devem mais a “acidentes” que a um projeto unitário

10. Quando nos referimos à tendência fascista e divisionista, referimo-nos ao aspecto de incentivar o ódio aos professores, incitando, inclusive, à morte dos mesmos, caso ensinem determinados temas (gênero, por exemplo), como se pode no texto “O ódio aos professores se profissionaliza”, do prof. Dr. Fernando de Araújo Penna. Disponível em: <<https://profscontraoesp.org/2016/11/14/o-odio-aos-professores-se-profissionaliza/>>. Acesso em 30 jun. 2019.

e global (APPLE, OLIVER, 1995, p. 273-274).

Para Apple e Oliver (1995, p. 276 et seq.), a direita conservadora estadunidense se coloca contrária ao ensino oficial sobretudo nas discussões sobre o corpo, sexualidade, política e valores pessoais. A educação sexual, principalmente, poderia destruir a moralidade familiar e religiosa burguesa. A própria escolarização pública, para conservadores estadunidenses, é vista como perigo, devido ao sentimento de perda que o conservador possui em relação à escolarização e à comunidade, pois antes as escolas eram tidas como extensão da família, passando a ser habitada por temáticas estranhas ao núcleo cotidiano (APPLE, OLIVER, 1995, p. 278). Daí o controle sobre os livros didáticos, inclusive levando à auto-censura pelas editoras.

Tais referências nos fazem ver ecos nas manifestações do EsP, no qual a família nuclear idealizada é tida como impermeável a outros formatos – daí o horror à dita temática 'ideologia de gênero -, bem como o cerceamento de abordagens mais críticas sobre questões sociais (desigualdade, violência, ideologias políticas diferentes da liberal, etc), levando ao controle propugnado pelo EsP na vida escolar, didática, intelectual de professores e alunos¹¹.

Apple e Oliver (1995) nos mostram que os pais de duas entidades conservadoras estadunidenses criaram uma notificação formal para que as escolas se abstivessem de ensinar determinados conteúdos aos filhos ou submetê-los a atividades como pesquisas, discussões específicas ou avaliações, etc, objetivando um controle absoluto sobre o que ensinam as escolas, de forma a não macular a sacrossanta instituição familiar puritana estadunidense (interessante notar a relação com a notificação extrajudicial presente no endereço eletrônico do EsP, com incentivo a que seja utilizado contra professores e escola).

Entre outros temas, a notificação citada por Apple e Oliver (1995, p. 281-283) proíbe que seja ensinado (são duas páginas de tópicos, selecionamos alguns):

exames, testes ou pesquisas psicológicas ou psiquiátricas que sejam projetados para obter informações sobre atitudes, hábitos, traços, opiniões, crenças ou sentimentos de um indivíduo ou grupo;

[...]

Currículos que tratem de álcool e drogas;

11. Recentemente, um ex-orientando foi selecionado para trabalhar numa escola particular de uma cidade do interior do Espírito Santo. Aprovado, foi para a entrevista final com a diretora que, entre outras inquirições e esclarecimentos, foi bem clara: somos adeptos do Escola sem Partido, temos filhos de juizes, etc.; logo, você não poderá tocar em temáticas como miséria, desigualdade, comparando, por exemplo, salário de uma faxineira e um juiz. O referido professor agradeceu e, posteriormente, respondeu que não estava disponível.

[...]

Currículos que promovam o anti-nacionalismo, o governo internacional ou o globalismo;

[...]

Educação sobre sexualidade humana, incluindo sexo antes do casamento, adultério, contracepção, aborto, homossexualismo [...];

[...]

Técnicas de fantasias guiadas, técnicas hipnóticas; imagens e estudo da sugestão;

[...]

Evolução orgânica, incluindo a ideia de que o homem se desenvolveu a partir de espécies de seres vivos anteriores ou inferiores;

[...]

Filiações e opiniões políticas do estudante e da família; crenças e práticas religiosas dos pais;

[...]

Tarefas autobiográficas, livros de registro e diários pessoais [...].

Como se pode ver, o EsP encontra-se caudatário de um movimento conservador (no caso estadunidense, de raízes fundamentalistas cristãs, o que exigiria outra abordagem) que existe há décadas.

118

Como observam Apple e Oliver (1995, p. 298-302), no entanto, as relações não são transparentes, trata-se de um movimento complexo de buscar as razões pelas quais pessoas se inclinam para a direita política. Para os autores, as abordagens acadêmicas devem unir perspectivas (críticas, neo-gramscianas, pós-modernas ou pós-estruturais) para a compreensão de um fenômeno complexo, considerando o poder do estado e do senso comum em conformar identidades sociais, sem ignorar o contexto econômico. Conforme expressão dos autores: "A direita transforma-se em direita através de um conjunto complexo e dinâmico de interações com o estado" (APPLE, OLIVER, 1995, p. 299). Tais grupos crescem, em geral, em função de temáticas específicas ou controvérsias (no caso do Brasil do EsP, podemos considerar relevante o ambiente hostil a ideias progressistas, bem como o papel desempenhado pelo conservadorismo religioso em termos morais diante das investidas das temáticas de direitos sexuais das minorias, vistas como ofensivas à família tradicional e aos papéis sexuais tradicionais de homem e mulher).

No caso de Apple e Oliver (1995, p. 299, 300), os autores afirmam claramente: "Precisamos enfatizar aqui, outra vez, que esses indivíduos não tinham ligações anteriores com organizações da Nova Direita e que não desejavam ter quaisquer ligações com tais grupos conservadores [...]" até ocorrer uma controvérsia. No entanto, tais ligações

se reforçam à medida que novas identidades conservadoras “são assumidas por essas pessoas”.

Consideramos, ao trazer tal elaboração, que, atualmente, novas configurações se fazem presentes pelo volume de interações, pela velocidade que tomaram redes de informação e pela sua, em tese, infinita possibilidade de manipulação (*fake news*). No entanto, sugerimos que haja uma linha que liga o que podemos chamar a “onda conservadora brasileira” (ALMEIDA, 2017) dos anos recentes a movimentos externos de datas variáveis, imersa em outras, uma das quais se refere a financiamento externo ou iniciativa endógena dos movimentos ditos de direita. Para Rocha (2018), em que pese os diversos institutos, apoios empresariais a entidades comprometidas com o liberalismo e frontalmente contrário a pautas progressistas, pode-se afirmar que há, sim, uma militância, se não espontânea, ao menos não diretamente irrigada com recursos externos, antes articulada nas redes sociais, levando-a a afirmar: “Não siga o dinheiro, siga a militância” de direita (ROCHA, 2018, p. 53).

Considerações finais inconclusas

119

Findo esse pequeno percurso, não nos damos por satisfeitos. São muitas as lacunas não respondidas, visto o fenômeno (anti) pedagógico do EsP tocar em outras temáticas de ordem social, jurídica, política, entre outras. Vivemos, como sustentamos, numa ascensão sem precedentes próximos, de uma direita econômica e social brasileira, bem como de uma extrema-direita que propugna pelo retorno de ditadura militar, sem ter pudor de defender tortura e extermínio nas redes sociais. A ascensão do presidente atual se faz nesse caldo de movimentos que, no rescaldo das jornadas de junho de 2013, logrou assumir a voz dos que se diziam contra tudo que estava dado... Destino dessa aventura nenhum futurólogo ameaçaria vaticinar.

Do ponto de vista de perspectivas dos resultados de malefícios do movimento EsP, já apontamos neste escrito algumas consequências destrutivas, sendo a autocensura por parte de professores e professoras a principal delas.

Ora, se um docente, de qualquer nível, se restringe no seu direito de dialogar com crianças e jovens sobre os temas candentes na vida de crianças e adolescentes, sobre o mundo que se desenrola vertiginoso e com consequências que levam ao desamparo, à busca de orientação profissional ou vocacional, podemos notar com tristeza que um canal direto de formação é obstaculizado pelas ideias de um movimento como o EsP.

Estudantes que chegam às escolas diuturnamente sequiosos de um espaço de fala, de diálogo, de expressão, não podem ser mutilados em seu direito de aprendizagem, muito menos de desenvolver-se como pessoas livres numa sociedade complexa, no qual a relação professor-aluno pode permitir a construção de subjetividades mais preparadas para enfrentar os desafios de um mundo que nunca está nos eixos, consoante a feliz formulação de H. Arendt a que nos referimos.

Nesse sentido, tomara seja verdade o fim do movimento, também referido neste artigo. No entanto, sabemos que suas sementes já estão lançadas. Temos, como educadores, intelectuais de várias formações, tarefas urgentes.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, R. de. **A onda quebrada** - evangélicos e conservadorismo. Cadernos Pagu, n. 50, 2017: e175001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332017000200302&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 3 jul. 2019.
- APPLE, M, OLIVER, A. **Indo para a direita**. A educação e a formação de movimentos conservadores. In: GENTILI, P. Pedagogia da exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2005 [1995], p.
- ARENDR, H. Entre o passado e o futuro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979 [1954].
- BANDEIRA, L. A. M. **Lawcoup** – o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff. In: ALVES, G. et. (Org.). Enciclopédia do Golpe. v. 1. Bauru: Canal 6, 2017, p.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. H. **A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOTIGLIERI, M. F; BEZERRA NETO, L. **O neoliberalismo, o Banco Mundial e a educação**: alguns apontamentos. Histedbr On-line, v. 14, n. 57, p.19-31. 2014.
- BURKE, E. **Reflexões sobre a revolução na França**. São Paulo: Edipro, 2014.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- CLASEN, J. R. **Quais as tarefas necessárias à educação em tempos de ascensão do conservadorismo?** RELAcult. Revista Latino-americana de Estudos em Cultura e Sociedade. v. 5 ed. especial, artigo n. 1252, abr. 2019, p. 1-8.
- ESCOLA SEM PARTIDO ANUNCIA SUSPENSÃO DE ATIVIDADES**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escola-sem-partido->

anuncia-suspensao-de-atividades-criador-do-movimento-desabafa-esperavamos-apoio-de-bolsonaro-23817368>. Acesso em 18 jul. 2019.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRIGOTTO, G. (Org.). **Escola "sem" partido**. Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ/LPP, 2017.

IDEALIZADOR DO ESCOLA SEM PARTIDO FAZ CHANTAGEM COM BOLSONARO E EMPRESÁRIOS E AMEAÇA ABANDONAR A CRUZADA MORALISTA. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/idealizador-do-escola-sem-partido-faz-chantagem-com-bolsonaro-e-empresarios-e-ameaca-abandonar-a-cruzada-moralista/>>. Acesso em 18 jul. 2019

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 1. ed. 12. reim. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LÖWY, M. **Conservadorismo e extrema direita na Europa e no Brasil**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

MALAGUTI, R. A. C; CARCANHOLO, M. D. (Org.). **Neoliberalismo**: a tragédia de nosso tempo. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K. **Manifesto do partido comunista**. Lisboa: Editorial Avante, 1997.

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **Em defesa da escola**. Uma questão pública. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PENNA, F. De A. **O ódio aos professores se profissionaliza**. Disponível em: <<https://profscontraoesp.org/2016/11/14/o-odio-aos-professores-se-profissionaliza/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

RABUSKE, E. A. **Antropologia filosófica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROCHA, C. **Direitas em rede**. Think tanks de direita na América Latina. In: VELASCO E CRUZ, S., KAYSEL, A., CODAS, G. (Org.). **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: fundação Perseu Abramo, 2015. p.

_____. **O boom das novas direitas brasileiras**: financiamento ou militância? In: GALLEGU, E. S. (Org.). **O ódio como política**. A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Teorias da educação. Curvatura da vara. Onze teses sobre educação e política. 29. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 1995.

[1.ed. 1983] [Coleção Polêmicas do nosso tempo].

SEPÚLVEDA, J. A., SEPÚLVEDA, D. **Conservadorismo e educação escolar**: um exemplo de exclusão. Revista de Educação. Faculdade de Educação. Programa de pós-graduação em educação. UFF. Ano 3, n. 5, 2016. p. 76-107.

SOUZA, J. M. A. de. **Tendências ideológicas do conservadorismo**. 2016. 304 f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2016a.

_____. **Edmundo Burke a gênese do conservadorismo**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 126, p. 360-377, maio/ago. 2016b.

STF DECIDE QUE PAIS NÃO PODEM TIRAR FILHOS DA ESCOLA PARA EDUCÁ-LOS EM CASA. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/12/stf-decide-que-pais-nao-podem-tirar-filhos-da-escola-para-ensina-los-em-casa.ghml>>. Acesso em 26 jun. 2019.

SOUZA, J. **A elite do atraso**. Da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.